

ÁRVORE: folhas de poesia (Lisboa, 1951-1953) – É uma publicação independente e **especializada em poesia**, sendo especialmente projetada para a sua discussão e crítica. Muito bem estruturada, estas “folhas” incluem não só a divulgação da poesia de jovens poetas e resenhas críticas de obras poéticas, mas também ensaios “em defesa da Poesia” que refletem múltiplas influências. Lembramos que então coexistiam em Portugal vários movimentos literários e sociais, nomeadamente o neorrealismo, o surrealismo e o existencialismo.

A poesia de “autenticidade” é a criação literária que une cinco codiretores e coeditores, todos jovens poetas muito atentos à realidade nacional e mundial. Para definirem a publicação escolhem **folhas em vez de “revista” e fascículo em vez de “número”**. Assim, juridicamente, a publicação **não era submetida à “censura prévia”** como os “periódicos”. Mas, por causa da natureza social de alguns dos seus conteúdos, não conseguiu evitar a “censura repressiva” (*a posteriori*) que ditou o seu fim.

Na sua primeira *ficha técnica* (e na segunda) constam: a “*Direcção e Edição de António Luís Moita, António Ramos Rosa, José Terra, Luís Amaro e Raul de Carvalho*; a *Correspondência pelo Apartado 857 – Lisboa*; as *Oficinas Gráficas de Ramos, Afonso & Moita – Rua da Voz do Operário – S. Vicente de Fora – Lisboa*, e a *Direcção Gráfica de Luís Moita* (1.º Fascículo, p. [1]). Para a codireção e coedição do último fascículo, em substituição de António Luís Moita, entra **Egito Gonçalves**, outro poeta que colabora desde o início da publicação.

De existência efémera e pouco ilustrada, a coleção completa da revista é constituída por 4 fascículos de 23 cm de dimensão, com *periodicidade sazonal* exceto o último: o 1.º sai no Outono de 1951, o 2.º no Inverno de 1951-52, o 3.º na Primavera-Verão de 1952, e o 4.º (número na lombada, Volume II - Primeiro Fascículo, na p. [2]) não “datado”, apesar de saber-se que sai em 1953, cerca de um ano depois do anterior.

Daniel Pires, no verbete desta publicação, cita dois depoimentos escritos. Um de **Egito Gonçalves** que relembra “a saída do último número, de certo modo já clandestino, dado que a proibição da revista tinha data anterior, levou a PIDE a chamar-nos a todos. Pretendiam saber como funcionava o grupo [...]”. O outro, do colaborador **Albano Martins**, refere que “a revista foi suspensa em 1953, por decisão da Censura, que ordenou a apreensão do n.º 4 por elementos da polícia política ao serviço do regime vigente, alguns dias após o aparecimento daquele em algumas livrarias de Lisboa e do Porto [...]”.

Segundo Daniel Pires, contribuíram para a apreensão do “4.º fascículo” não apenas os “poemas de um escritor <<marcado>> pelo regime – **Frederico García Lorca** [pp. 37-38] –, bem como uma introdução à sua obra da autoria de **Eugénio de Andrade**. Por outro lado, a tradução feita por **António Ramos Rosa** de poemas de **Paul Eluard**, escritor comunista cuja morte tinha sido recentemente noticiada na imprensa, e as alusões às obras de **Rafael Alberti** e

de **Pablo Neruda**” decidiram a “**emissão de um auto de apreensão no dia 17 de Abril de 1953, e conseqüente chamada dos responsáveis à PIDE.**”¹

Um **Auto de apreensão** que acontece na *Livraria Internacional, no Porto*, onde “quatro exemplares da revista portuguesa *Árvore*” são apreendidos por “José Trindade Roque, agente da Polícia Internacional e de Defesa do Estado [...] (sic)”, é referido e citado pela professora **Gumerinda** (ou Cinda) **Gonha** (Literatura Portuguesa na UFRJ - U. Federal do Rio de Janeiro) num artigo que também inclui entrevistas a vários colaboradores da revista em 1991, intitulado “**Árvore: breve história de uma revista**”.²

António Luís Moita, na sua entrevista, conta: “descobrimos pretender, ele [Raul de Carvalho] e eu, **algo que representasse toda a poesia da altura, aberta** não apenas aos herdeiros da *Presença, Cadernos de Poesia*, mas também **aos neo-realistas, surrealistas, etc.**, embora pudesse pecar pela falta de homogeneidade. **Pretendíamos um <<leque>> e não uma revista revolucionária**, não por ódio ao espírito revolucionário, mas simplesmente por não haver em Portugal algo que retomasse a experiência de *Orpheu*”(sic). Sobre a gráfica em que o seu pai era coproprietário, **António Luís Moita** diz que “**ao saber do projeto, meu pai [...] ofereceu papéis de excelente qualidade** que haviam sobrado de uma encomenda anterior [...]” (sic).

Noutra entrevista, **Luís Amaro** refere que “**as reuniões para a organização de cada número (fascículo, eufemismo ingénuo!)** e escrupulosa **revisão** de provas (a cargo de nós ambos, **Raul a ler eu a emendar**), dispersaram-se, naturalmente, por **cafés** propícios (o extinto *Restauração*, na Rua 1.º de Dezembro, *O Martinho*, da Praça D. João da Câmara, o *Ribatejano*, aos Anjos) ou por esplanadas da Avenida, ou ainda por quartos e pensões, sabe Deus como, íamos sobrevivendo (sic).”

José Terra, na sua entrevista dada em Paris (1991), relembra que “antes da proibição do quarto número de *Árvore*”, foi **levado à PIDE** por causa de um **ofício “encaminhado pelos Serviços da Censura pedindo que interditassem as Edições Árvore**”. Então, diz José Terra, estavam “51 livros de poesia listados para futura publicação”. Só **saiu depois de assinar um papel prontificando-se “a não publicar os livros de poesia**”. Pouco tempo depois “**publica-se o quarto número de Árvore**” e **José Terra é levado novamente à PIDE** onde, num ápice, expõe que “**tudo não passa de um equívoco. Eu lhes disse que não publicaria as Edições Árvore.**” E então, esclarece que “**Árvore era uma revista especificamente poética [...]**”.

Resumindo, a mesma professora brasileira escreve que “**para as funções da crítica, convidou-se António Ramos Rosa** – poeta e ensaísta. **Luís Amaro**, poeta, trabalhando na altura na livraria Portugália, como **catalisador das colaborações**, visto conhecer toda a gente do meio literário. [...] **José Terra**, o mais jovem, com seu entusiasmo, **arranjaria as assinaturas.**” E que “**a revista era divulgada de mão em mão. Os poetas iam às livrarias depositar os exemplares [...]**” (sic).

¹ PIRES, Daniel - “Árvore”. In *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, Vol. II, 1.º tomo. Lisboa: Grifo-Editores e Livrários Lda., 1999, pp. 59-65.

² Ver: http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2008/06_artigo_cinda_gonda.pdf

António José Saraiva e Óscar Lopes referem que à época, acontecia “a mais **viva discussão interna do neo-realismo**, cujos ecos se encontram, por exemplo, em números da *Vértice* desse ano [1952] e do seguinte e em certos **artigos ecléticos de *Árvore*** (1951-1953)”. Mais, esclarecem que, na *Árvore*, “o seu objecto imediato girava em torno dos conceitos de *forma, conteúdo e formalismo* mas a crise fundamental residia na inadequação da literatura àquelas camadas por que pretendia interessar-se, e vice-versa. **É inegável o abalo produzido**”, acrescentam os autores.³

Na passagem dos **50 anos sobre a extinção da publicação, realizou-se um colóquio, cujas atas foram publicadas** em livro, organizado por Albano Martins. Nele, lembra-se a “importância e o significado histórico duma publicação literária independente que, no início da segunda metade do século XX, se afirmou como espaço privilegiado de encontro de sensibilidades e tendências, aberto às correntes mais inovadoras da poesia europeia, especialmente a francesa.” Mais, Luís Adriano Carlos é o autor do texto que encerra o livro e “serve simultaneamente de prefácio à **edição fac-similada da revista, coincidente com a realização do colóquio**”, em 2003.⁴

Depois de focarmos os seus principais conteúdos julgamos que o periódico *Árvore: folhas de poesia*, insere-se no género específico de **Imprensa Literária**.

PROGRAMA EDITORIAL

“**A Necessidade da Poesia**”, texto de abertura não assinado, é constituído por duas partes. A primeira parte termina com a frase: “**Livre, é a palavra mais querida dos poetas, a mais vital para a poesia**”. A seguir surge, em voz plural, o *programa editorial* da *Árvore*: “a nossa posição é a da total **isenção** a tudo quanto a poesia der voz e pela poesia se realizar. **Nosso primeiro critério: o da autenticidade.**” Mais à frente lê-se: “consideramos a **superior necessidade da poesia** tanto no plano da **criação** como no da **demand social.**” Mais, “lutando pela **dignificação da nossa condição de poetas**, não esqueceremos nunca que **o sentido da verdadeira poesia é o da <<prodigiosa ascensão do homem>>**” (1.º Fascículo, pp. [2-4]).

Outro texto com conteúdo editorial, em forma de nota (a 2.ª), lê-se: “Não é talvez inútil insistir em que a *Árvore* **nunca pretendeu ser o porta-voz de um grupo**, embora não renuncie ao espírito de coesão que possa haver dentro da livre diversidade de tendências [...]. E termina declarando “que **todos os trabalhos aqui publicados – poemas, ensaios, críticas – são da responsabilidade exclusiva dos seus autores**” (3.º Fascículo, p. [192]).

Sabemos por outra nota (a 3.ª), que a direção da revista estava grata por “registar o bom acolhimento que *Árvore* obteve da Imprensa e da Crítica. Não esqueceremos as referências que o nosso esforço mereceu [...]” e, depois de enumerar muitos escritores, jornais e revistas, termina agradecendo a todos (3.º Fascículo, p. [192]).

³ SARAIVA, António José, e LOPES, Óscar – “Surto e evolução do neo-realismo”. In *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975, pp. 1111-1112.

⁴ Ver: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/675/1/348FCHS2005-8.pdf>

Julgamos que as assinaturas eram a principal fonte de financiamento da revista, a qual, como complemento, lança as **Edições Árvore**. Editaram, pelo menos, dois livros em 1952, ambos criticados por António Ramos Rosa, na rubrica **Alguns Livros de Poesia**: um deles foi **Sete Poemas da Solenidade e um Requiem de Carlos Eurico da Costa** (1928-1998), poeta surrealista e colaborador da revista (3.º Fascículo, pp.248-250); o outro foi **Horizonte dos Dias de Vítor Matos e Sá** (1926-1975), também colaborador da revista (Volume II - Primeiro Fascículo, pp.69-72).

Encontram-se ainda compromissos editoriais no ensaio **“A Poesia é um Diálogo com o Universo” de António Ramos Rosa**. É um texto longo, separado por cinco asteriscos, que discute o formalismo e a estética na poesia, além do conteúdo *versus* criação poética. Inicia-se com a frase: **“A primeira coisa que devemos lutar é pela confiança nos destinos da poesia, que nós confundimos com o próprio destino do homem”**. Quase a finalizá-lo, o autor relembra: “Procuramos sinceramente um núcleo, uma generosa assembleia de poetas irmanados pela genuína fé nos destinos da poesia.” Porém, o texto termina com uma pergunta: **“Teremos a força de ser estes lúcidos quixotes do nosso tempo?”** (Volume II-Primeiro Fascículo, pp.5-12).

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL

Clara Rocha, professora catedrática e ensaísta, fala da **“geração de 50”**, especialmente influenciada pelo lançamento das **“bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki”**, em 1945. Afirma que **“a partir de então, intensificasse o mal-estar universal face à ameaça atômica e à situação de <<guerra fria>>**. Diz ainda que o “programa da Árvore” tem uma “intenção humanizante, que se propõe como alternativa à violência e à agressão do mundo real”. Para o provar, critica literariamente e cita parte do poema **VIAGEM através duma nebulosa** (1.º Fascículo, pp.10-12) de **António Ramos Rosa**, autor que elogia como o “principal animador da Árvore, quer como poeta, quer como ensaísta, quer como tradutor.”⁵

No início dos anos cinquenta do século XX, Portugal exportava uma imagem de estabilidade política em parte por causa da sua entrada para a OTAN em 1949, organização que, ao ministrar cursos, vai contribuir para a “democratização” das elites militares portuguesas, a médio prazo. Internamente, realizam-se eleições presidenciais em 1951, ganhas por Craveiro Lopes, candidato situacionista, por desistência dos outros candidatos como em 1949. Consequentemente aumenta a imprensa clandestina e o **discurso anticomunista** do regime político do *Estado Novo* sai reforçado da **revisão constitucional de 1951**.

Por acontecer em 1951, referimos a **“entrevista com Adolfo Casais Monteiro”**, personalidade da geração presencista, sobre quem diz a revista, pluralmente, “o poeta e ensaísta que nos habituámos a admirar”. O tema da entrevista são os vigésimos **“Encontros Europeus de Poesia”** realizados na Bélgica em Setembro, como <<Rencontres de Poésie>> noticiados no *Journal des Poètes*, jornal que “passará a ser impresso em diversas línguas conforme

⁵ ROCHA, Clara - “Dos Anos 40 ao Experimentalismo ...<<Árvore>>”. In *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, pp. 495-498.

proposta do seu director Flouquet”. Adolfo Casais Monteiro também menciona uma “**resolução**” aprovada pelos participantes de “14 países da Europa”.

Resumindo, os seus três pontos principais são: “trabalhar **pela unidade espiritual da Europa**, baseada num idêntico apego à **liberdade de pensamento**”, a “**poesia como elemento de irradiação espiritual**” e a recusa de “**qualquer espécie de servidão**”.

O entrevistado também anuncia uma nova publicação anual, *Antologia da Poesia Viva*, para a qual indicou os poetas portugueses vivos: “Pascoaes, Afonso Duarte e José Régio”, e termina insistindo que “**o melhor resultado está ainda no estabelecimento de contactos entre poetas de diversas nacionalidades**” (1.º Fascículo, pp. 29-33).

Graça Franco, jornalista e investigadora, informa que “a legislação específica sobre política informativa e **Censura na década de cinquenta** é praticamente inexistente; as linhas-mestras estavam delineadas”. Então, a censura decorria “por informação verbal ou escrita, confidencialmente, de dirigente para dirigente, fazendo-se [...] os possíveis para que tudo se diluísse e ninguém pudesse provar a arbitrariedade ou evocar algum excesso, face a normas que se perdiam entre os telefones de São Bento, dos Serviços da Censura, do Secretário Nacional de Informação e, por último, das chefias das redacções dos jornais. **Aos jornalistas dizia-se apenas <<isso não passa, a censura corta... Isso hoje não pode sair, este facto não é notícia; essa conferência, para nós, não existiu ...>>**”.⁶

ESTRUTURA GRÁFICA

As **capas dos três primeiros fascículos** apresentam o título principal (*Árvore*) ao cimo, em letra capital e garrafal, seguida do subtítulo (*folhas de poesia*) em letra minúscula cursiva, de cor preta. Depois, vem a **ilustração centrada, composta por um cesto de vime entrançado com flores e folhas** e, por fim, a indicação da data *sazonal*. A cor da ilustração muda com os fascículos: no 1.º é azul, no 2.º é branca e no 3.º é verde. As capas posteriores apresentam uma vinheta quadrada e florida, nas mesmas cores.

Nas contracapas anteriores dos mesmos fascículos, encontram-se impressos vários nomes, a seguir a “**Amigos de Árvore**”: 24 na primeira, mais dois na segunda e mais cinco na terceira. Do total dos 31 amigos inseridos nas mesmas cores da ilustração da capa, destacam-se treze colaboradores da revista: **Alfredo Margarido, António Carlos, Cristóvam Pavia, Egito Gonçalves, Fernando Vieira, Luís Amaro de Oliveira, Matilde Rosa Araújo, Rogério Fernandes, Sebastião da Gama, Vitor Matos e Sá, Eugénio de Andrade, Albano Martins e António Luís Moita**. Sem **preçário nem anunciantes**, deduzimos que todos os “amigos” contribuíram, de alguma forma, para a existência da publicação.

As páginas da revista, de *impressão a uma só medida* e a preto e branco, apresentam *paginação contínua* nos 3 primeiros fascículos, totalizando 264 páginas. Sem contar a capa, o 1.º fascículo tem 80 páginas, o 2.º cerca de 110,

⁶ FRANCO, Graça – “A Consolidação da Censura Salazarista”. In *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1993, p.127.

e o 3.º cerca de 153 páginas. Para estes três fascículos, existe uma segunda numeração seguida, a dos *cadernos gráficos*, num total de 16. A paginação (única) do último fascículo, o 4.º, recomeça e totaliza 75 páginas numeradas.

Numa nota (a 1.ª) do terceiro fascículo, a revista anuncia: “**A seu pedido, deixa de fazer parte da direcção de *Árvore* o nosso camarada e amigo António Luís Moita**, que continuará, porém, a dispensar a estas <<folhas de poesia>> toda a colaboração que lhe for possível”. Acrescentamos que a *ficha técnica* desse fascículo já não o nomeia, mas ainda refere a direcção gráfica de Luís Moita (pai) que se mantém como impressor (3.º Fascículo, pp. [191-192]).

No fascículo seguinte, o último, a revista muda a *Composição e Impressão* para a *Tipografia IDEAL – Calçada de S. Francisco, 13, 13-A – Lisboa*, uma gráfica mais discreta (Vol. II - Primeiro Fascículo, p. [1]).

Todos os fascículos têm “**Sumário**”, mas o último é mais completo, porque na **rubrica *Alguns Livros de Poesia***, descremina os livros e os respetivos críticos, além da introdução de uma linha vertical que separa os colaboradores das colaborações. E, no fim do último sumário, lê-se: “**Capa e Vinhetas de Fernando Lanhas**” (Vol. II - Primeiro Fascículo, pp. [3,4]).

Na verdade, o jovem arquiteto, **Fernando Lanhas** (1923-2012) redesenha a revista, criando um novo grafismo não só na **capa**, mas também na disposição interna das suas primeiras folhas, além das seis **vinhetas de remate** que traçam diferentes composições geométricas.

COLABORAÇÕES E RUBRICAS

Maria João Reynaud, professora na FLUP e doutora em Literatura Portuguesa (séculos XIX e XX), refere que “**a necessidade da poesia é também de ordem ontológica**”, segundo **Eduardo Lourenço** em “**Esfinge ou a Poesia**” (1.º Fascículo, pp.5-9), no artigo “**ÁRVORE – um olhar transversal.**”⁷ Neste seu artigo, a autora adverte que só no “contexto histórico da época” é possível entender o *paradoxo*: “**arte da palavra**” e “**toda a verdadeira poesia é fiel à humanidade e por isso partidária**”, defendido por **Álvaro Salema** em “**Sobre os Partidarismos em Poesia**” (1.º Fascículo, pp.13-14).

Mais, Maria João Reynaud opina que **António Ramos Rosa** no seu ensaio “**À Margem duma Leitura de RENÉ CHAR**” na *rubrica Poetas Estrangeiros*, **oscila entre “dois poetas que cruzaram o surrealismo**: a <<encantação da linguagem>> de um René Char (1907-1988) e a concepção <<finalista>> de um Paul Éluard (1895-1952), quando afirma que o <<fim da poesia é a vida, a verdadeira prática>>”. E elogia, este texto, cuja “actualidade do seu *incipit* merece ser destacada: **A pressão dos factores anestéticos e a sua quase exclusividade como móbil de existência, torna o período em que vivemos particularmente difícil e dramático para a cultura e para a arte. Mas um período difícil não é inevitavelmente um período estéril; pode ser até**

⁷ Ver: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4597.pdf>

excepcionalmente fecundo no plano da criação artística e da qualidade das obras” (1.º Fascículo, pp. 45-47).

A **colaboração artística nas páginas** da publicação, além das *vinhetas de remate* de temática floral e de outra ilustração campestre sobre os três primeiros sumários, limita-se a cinco ilustrações de qualidade, referenciadas como “Extra-textos” nos *Sumários*. Assim, no primeiro fascículo, encontramos a primeira *ilustração branca*, um “**Desenho de Lima de Freitas**”, referida no sumário: “a seguir à pág. 16”. O fascículo seguinte abre com uma dedicatória, em homenagem a um colaborador recentemente falecido: “Dedicamos este número de *Árvore* à memória de Sebastião da Gama, ao poeta e ao amigo que perdemos”. E ainda inclui duas ilustrações: o “**Retrato de Sebastião da Gama por Bonifácio Lázaro**” em desenho (no sumário, pág.84/85), e o “**Retrato de Rainer Maria Rilke**” em fotografia, antes do seu poema “**A segunda Elegia de Duino**” traduzido por Paulo Quintela na rubrica *Poetas Estrangeiros* (2.º Fascículo, pp.141-143). No terceiro fascículo, publica-se um “**Desenho de DOURADO**” (no sumário, pág. 194/195). E é novamente na *rubrica Poetas Estrangeiros* que a revista publica a sua última *ilustração branca*, “**Desenho a lápis dum rosto de rapariga**”, depois de um curto texto de Eugénio de Andrade sobre dois poemas inéditos de **Frederico Garcia Lorca** (Volume II-Primeiro Fascículo, pp.37- [41]).

Na *rubrica Poetas estrangeiros*, além de **Eugénio de Andrade**, **Paulo Quintela** e **António Ramos Rosa** (já mencionados), colaboram também: **Jorge de Sena**, **Eduardo Moreiras**, **René Char**, **Vicente Aleixandre** (Prémio Nobel da Literatura em 1977), **Andrée Crabée Rocha** e **Henri Michaux**.

A *Árvore* intitula a sua primeira *rubrica* de **Alguns Livros de Poesia**, espaço de resenhas de livros de poesia, a fechar todos os fascículos, onde colaboram: **António Ramos Rosa**, **José Terra**, **Luís Amaro**, **Egito Gonçalves**, **Jorge de Sena**, **David Mourão-Ferreira**, **Rogério Fernandes**, **António Carlos**, **Vítor Matos e Sá**, **Armando Ventura Ferreira** e **Humberto d’Avila**.

Nas secções **Novos Poetas do Brasil** e **Poetas do Brasil** colaboram **Alfredo Margarido** que apresenta “Lêdo Ivo...” e “Dois poemas inéditos...” (2.º Fascículo, pp.165-169) e **Jorge de Lima** com “Soneto” (Volume II-Primeiro Fascículo, p.36).

Sob a designação de **Poesia e Cinema**, a revista tem uma colaboração de **José-Augusto França**, com a sua intervenção “**Leve introdução ao ORFEU de Jean Cocteau, lida numa exibição especial do filme**”, datada de Abril de 1951, que mencionamos por ser datada, e por terminar assim: “**A Poesia é coisa de Adultos.**” (2.º Fascículo, pp.161-164).

De referir, **Virgílio Ferreira**, escritor existencialista, que colabora com o texto “**Sob o Signo da Poesia**”, onde escreve: “Cada poeta, por temperamento, educação, e mil outras razões, escolhe, dentre os dados de um círculo, aqueles que mais o comoveram” (2.º Fascículo, pp.149-158).

Estatisticamente, dos cerca de 60 colaboradores (10 colaboradoras), 25 só publicaram poesia. Hoje já esquecido, um dos poemas publicados na *Árvore* foi um símbolo da resistência à falta de liberdade criativa e escolhido, quatro anos mais tarde, para o nome de uma nova revista. Trata-se de **Notícias do**

Bloqueio” de Egito Gonçalves (Volume II-Primeiro Fascículo, pp.13-14), do qual escolhemos uma estrofe para conclusão desta ficha:

*Vai pois e noticia com um archote
aos que encontrares de fora das muralhas
o mundo em que nos vemos, poesia
massacrada e medos àilharga.*

Helena Roldão

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 7 de Abril de 2014.

Bibliografia consultada:

ROCHA, Clara – *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1941-1974)*, vol. II, 1º tomo. Lisboa: Grifo-Editores e Livreiros Lda., 1999 (DL).

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa* (8.ª Edição, corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora, Limitada, 1975.

FRANCO, Graça – *A Censura à Imprensa (1820-1974)*. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 1993.

MATTOSO, José – *História de Portugal*, Vol. 7, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

FARIA, Maria Isabel, e PERICÃO, Maria da Graça – *Dicionário do Livro: Da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina, SA, 2008.

Sítios consultados na Internet:

GONDA, Cinda – “**Árvore: breve história de uma revista**”. [PDF]
In: http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2008/06_artigo_cinda_gonda.pdf

MARTINS, Albano – “**Nos 50 Anos de Árvore: Folhas de Poesia**”. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2005. [PDF]
Ver: <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/675/1/348FCHS2005-8.pdf>

REYNAUD, Maria João – “**Árvore: Um olhar transversal**”. [PDF]
In: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4597.pdf>